

# ○ NOVO FANGUEIRO ○

Director: ARMANDO SARAIVA

Mensário — Preço: 75\$00

## Editorial

Ninguém nega que sob o ponto de vista urbanístico se cometeram verdadeiros atentados na terra de Fão, deitaram-se abaixo casas com traça e levantaram-se depois caixotes de cimento armado sem qualquer preocupação ou outro qualquer cuidado ambiental. Noutros casos, a pretexto de se manter um certo singularismo, impediu-se o alargamento de certas zonas, condenando o local a manter-se sempre secundarizado em relação aos restantes compartimentos da urbe.

Na terra de Fão, como aliás em qualquer outra, quem tem sempre a última palavra é a Junta de Freguesia. Nós já temos dito várias vezes que uma Junta não tem poder (dinheiro) para mandar fazer algo, mas tem força para impedir tudo o que prejudique a terra. Nem que essa força sejam os sinos da igreja.

É evidente que podem surgir vindictas por parte da hierarquia. Expliquemos melhor: Vamos supor que a Câmara pretende que se faça determinada obra. A Junta interpreta essa obra como prejudicial e opõe-se. O município cede mas pode depois querer vingar-se e cortar, por exemplo, subsídios futuros. Lembra-mos que estamos no reino dos *supônhamos* (desta vez não é gralha) mas a hipótese é exequível.

Ora, para evitar estes condicionalismos e outros, nós sugerimos a criação de uma comissão que teria por objectivo dar parecer sobre quaisquer obras que se viessem a realizar no exterior das casas. Seria uma espécie de comissão de estética. Funções? Obviamente consultivas, pois não estamos a ver o aparecimento de uma comissão cujos poderes se sobrepujassem aos dos autarcas. No entanto, quer a Câmara quer a Junta respeitariam o seu parecer, partindo do princípio que se tratava de pessoas idóneas e competentes. Isto não quer dizer que todas aquelas obras que levassem o carimbo do *nihil obstat* se realizassem, mas todas aquelas que contivessem parecer desfavorável não deviam ter andamento.

Essas comissões seriam obrigatórias em todas as freguesias? Não nos parece necessário. Nós estamos a pensar no caso de Fão e porventura noutras zonas de incidência turística. Ficaria ao encargo das Juntas requerer tais comissões. Não haverá sobreposições com a Assembleia de Freguesia dado o seu carácter restritivo e específico.

## O PERFIL DE HOJE

Por ARMANDO SARAIVA

### FRANCISCO DE CAMPOS MORAES



No universo mitológico da nossa infância agrupavam-se certos vultos que nos mereciam respeito e benquerença. Eram as pessoas importantes para nós e nessa importância conviviam a heroicidade e uma aura de poder a que nós associávamos ou confundíamos com a força física. Eram o Feliz Gaifém, o Xico Mena cujas figuras ressoavam vigor e era ainda o Álvaro Carapuça e o António Herdeiro, brigões indissociáveis das festas do Senhor de Fão e sempre imbatíveis.

Mais acima deste olimpo telurco avultavam outros seres também poderosos, em quem o poder era dinheiro, porventura um tanto imateriais, pois nunca os víamos, mas de quem a cada passo se falava. Aqui a aura não era forrada de simpatia mas de admiração e sobretudo dum complexo de inferioridade que a diferença social ajudava a crescer.

Um destes vultos era exactamente Francisco de Campos Moraes cujo palacete, no fim da Alameda constituía já por si, um facto de admiração. Tinha-se como muito rico, e por isso era poderoso, pensávamos.

Havia na altura, princípios do século, duas classes de pessoas muito nítidas, tão nítidas que em Fão permitiu que se criassem e coexistissem dois clubes: o Clube Fãozense (dos Pacatos) para os senhores, e outro, Clube dos Grulhas, mais popular, virado para o povo.

Francisco de Campos Moraes estava no topo dos Pacatos. Bem instalado, esmoler q.b., mostrava-se pouco à população, rodeava-se dum certa dignidade quando saía à rua e a freguesia, seduzida pelas suas esmolos — ofereceu a imagem de Santa Ana à Matriz — respeitava-o e ajudava a criar aquele aura de pessoa importante. Os jornais da época são

elucidativos a esse respeito. Diz por exemplo o Esposendense de 8 de Fevereiro de 1912: «Partiu para Lisboa o Ex.mo Senhor Campos Moraes. Sua Ex.a foi acompanhado até à Póvoa pela Comissão Paroquial e pároco daqui». Nesse mesmo ano escreve o Esposendense de 8 de Maio: «Chegou de Lisboa o Ex.mo Senhor Francisco de Campos Moraes, para onde tinha ido passar a estação invernal. Chegou e um grupo de amigos foi esperá-lo à freguesia de Navais».

Campos Moraes subiu as escadas da vida pelo seu pulso. Muito novo embarcou para o Brasil e na cidade de Rio Grande, estado do Rio Grande do Sul, criou a casa Campos Moraes e C.ª que se dedicava ao ramo de bebidas — vinhos, sobretudo portugueses e águas minerais. Com a idade de trinta e tantos anos voltou a Portugal, instalou-se em Lisboa e construiu a casa-mãe na sua e nossa terra. A casa onde vivia em Lisboa era alugada. Não comprou moradia na capital por estratégia económica. Faz-nos lembrar Calouste Gulbenkian que não quis comprar nunca automóvel, embora dispusesse de um taxista permanente junto ao hotel onde se hospedava em Lisboa. Era mais económico, pensava.

Em Lisboa dedicou-se com afã e muita intuição à especulação bolsista e a sua fortuna duplicou ou, mais exactamente, decuplicou. Era de facto um homem muito rico, mas frísamos, essa riqueza foi consolidada em Portugal. A sua fortuna assentava em três blocos sediados em Lisboa, Londres e Brasil.

Privava com grandes nomes da banca como por exemplo Cupertino de Miranda. Lembra-nos que quando andávamos na tropa fizemos amizade com um aspirante formado em Direito pela Universidade de Coimbra, dr. Pires dos Santos. Uma ou outra vez comíamos em sua casa e o pai do jovem militar, também chamado Pires dos Santos e igualmente formado em Direito, um dia perguntou-nos de onde éramos.

—De Fão — respondemos-lhe com aquela ufania que os fangueiros usam quando questionados sobre a terra de origem.

—Tem graça — respondeu-nos o dr. Pires dos Santos —. Em tempos conheci um senhor da sua terra que muito me ensinou na aplicação duns dinheiritos que tinha.

—Como se Chamava?

—Era o senhor Campos Moraes.

Como o mundo é pequeno...

Francisco de Campos Moraes foi casado

(Continua na pág. 2)

# FRANCISCO DE CAMPOS MORAES

(Continuado da pág. 1)

duas vezes. A primeira, no Brasil com Ana Carvalho de quem teve três filhos: Alice, que morreu vítima de um acidente aos 16 anos; Alberto, que deixou um filho, portanto neto de Campos de Moraes e que se chama Alberto de Campos Moraes, felizmente vivo e muito remoçado, apesar de já contar 84 anos; o terceiro filho chamava-se Augusto que não deixou descendentes e morreu também de acidente.

O segundo casamento realizou-se já em Portugal com D. Emília, natural de Barcelos, e de que houve duas filhas: Alice e Alayde Campos Moraes (Lili). Demos já notícia que D. Lili morreu há dias.

Era um fangueiro nato e amava a sua terra profundamente. Já referimos a sua opção em erigir a casa-mãe na freguesia onde nasceu.

Foi provedor da Santa Casa da Misericórdia e durante a sua provedoria construiu-se o actual edifício hospitalar. Presidiu à respectiva comissão o dr. Moreira Pinto, já aqui citado.

Cremos que também foi juiz da Irmandade do bom Jesus. Não consultámos as actas. Diz-nos no entanto o Esposendense de 26 de Junho de 1912: «De automóvel e na tarde de anteontem esteve aqui o ilustre Governador Civil de Braga dr. Manuel Monteiro. Após uma visita ao Ex.mo Senhor Campos de Moraes, Sua Ex.cia dirigiu-se à capela do Bom Jesus de onde levaram um cálice para a exposição de arte sacra que se teria de realizar na próxima festa baptista de Braga.»

Dá-nos a entender a notícia que só com aval de Campos de Moraes o cálice pôde ser retirado. Seria Campos de Moraes Juiz da Confraria? Esta dúvida tem razão de ser porquanto

o nosso conterrâneo na altura era o provedor da Santa Casa. Pelo menos exerceu essa função nos biénios 1910/12 e 1912/14.

Exerceu, ainda que por poucos meses o cargo de Presidente da Comissão Paroquial ou Presidente da Junta. Parece que também no ano de 1912. Diz a propósito o Esposendense de 14/9/1929: «É certo que já tivemos à frente da respectiva Junta um filho de Fão muito ilustre, o sr. Francisco de Campos Moraes. Mas porque Sua Ex.cia é dotado de uma inteligência muito robusta e possui uma grande cultura, poucos o compreenderam estando nisto a razão porque nunca vingaram os seus pontos de vista e foi curta a sua passagem pela Junta Paroquial.»

Que ele se importava com as coisas da sua terra dá-nos notícia o Esposendense de 21/10/1914: «O sr. Campos Moraes reuniu no palacete um grupo de fangueiros para que se fizesse uma exposição assinada por todos e entregue à Direcção Geral dos Caminhos de Ferro no Porto com vista à construção de um ramal que fosse de Laundos a Fão.»

Outro «Esposendense» relata-nos que Campos Moraes reuniu em sua casa um grupo de fangueiros com vista à construção de uma estrada à Bonança com 15 metros de largura.

Doutra feita reuniu os amigos para formação de um corpo de Bombeiros.

Era pelos vistos um homem de ideias largas que imaginou melhoramentos que se antecipavam ao futuro.

Toda esta actividade e preocupação ajudaram a formar de Campos Moraes uma imagem de benemerência e poder que se tem perpetuado pela vida fora. Morreu em 1940 com 92 anos.

## PELO HOSPITAL

Por terem adoptado a exclusividade de funções, deixaram de prestar serviço no Hospital de Fão as médicas dr.as Margarida Reis e Zélia Mota.

Entretanto a urgência continua a funcionar 24 horas por dia com os seguintes clínicos: drs. Carvalho Matos, José Albino, João Veríssimo, Tomé Ramos e Alberto Loureiro.

Especialidades: Obstetrícia e ginecologia: drs. Fráguas, Arminda Areias, José Maia e Mário Carvalho.

Cirurgia geral: drs. Manuel Queirós de Faria, Horácio Queirós de Faria e António Torres; Anestesia: drs. Júlio Guimarães e Neves dos Santos. Anatomia patológica: prof. Vaz Saleiro. Ecografia e radiologia: dr. Reis Carneiro (pai), dr. Reis Carneiro (filho). Dermatologia: dr. Armando Roseira. Otorrino: dr. Torres dos Santos; Pneumologia e alergologia: dr.ª Paula Mano. Oftalmologia (cirurgia e consultas): dr. José Ribeiro. Cardiologia: dr. Álvaro Amorim. Electrocardiologia: dr. João Carlos Silva. Psiquiatria: dr. Mário Vale Lima. Urologia (cirurgia e consultas): dr. Rui Lage. Estomatologia: dr. Sérgio Torres. Pediatría (com apoio à maternidade): dr.ª Isabel. Endoscopia e Gastroenterologia: dr. Solary e Allegro. Ortopedia (cirurgia e consultas): drs. Mário Meneses e Faria Alves. Hematologia: dr.ª Angélica. Radiologia: técnicos: Carvalho e Ana Maria.

## DOENTES

Soubemos que foi novamente operado o nosso prezado amigo Prof. Mário Ramiro. Desejamos um pronto restabelecimento. Daqui fazemos uma «forcinha» para que tudo corra bem.



### HOTEL DO PINHAL

OFIR - FÃO — 4740 ESPOSENDE  
TEL. 053 - 96 14 73/4  
TELEX 32857



Em plena Costa Verde, num pinhal com uma área privada de 40.000 m<sup>2</sup>, frente ao belo estuário do Cávado, a 300 metros do mar e da típica Vila de Fão. ★ Dispõe ainda de uma reserva natural privada com 100.000 m<sup>2</sup>, a 2 km, no final de uma pequena península, que separa o rio do mar, com extensas praias desertas; passagem das aves migratórias; ideal para o hipismo, pesca e todos os desportos náuticos, bem como para o repouso. ★ No Hotel de 1.ª classe, 100 quartos, suites e apartamentos; restaurante e grill panorâmicos com grande (Chaine des Rôtisseurs); bar; pub com música ao vivo; snack com esplanada; boite com animação periódica. ★ Salões para banquetes e conferências de 10 a 500 pessoas. ★ Galeria de arte; salas de convívio, de leitura, de jogos de sociedade e de televisão, separadas. ★ Boas Condições para deficientes. ★ Campo de jogos (medidas oficiais para futebol), ténis, badminton, ping-pong; 2 piscinas com jardins e amplos relvados. Ótimo para crianças (bab-sitter opcional). ★ Parque de estacionamento privativo e garagens individuais.

Outras facilidades: Golfe, hipismo, equipamento náutico e pesca, bicicletas, rent-a-car e excursões organizadas ★ Casino e mercado típico (15 km) ★ Aeroporto internacional (35 km) ★ Caves de Vinho do Porto (50 km) ★ Galiza (75 km).

## ASSEMBLEIA MUNICIPAL LOUVA A JUNTA CESSANTE DA FREGUESIA DE FÃO

A Assembleia Municipal, vem através deste voto de louvor contrariar o que a nossa Junta de Freguesia tem tentado demonstrar, isto é, um total desprezo e desrespeito pela Junta cessante, e senão veja-se os modos como o Presidente da Mesa na última Assembleia de Freguesia, abriu a fase de aprovação de contas: «...Chegou o momento mais crucial desta assembleia. Cabe-nos julgar a actividade da anterior Junta de Freguesia...» (sic). Tudo isto, como se de um verdadeiro julgamento se tratasse, e de quem? — Dos homens que durante longos anos deram provas mais que suficientes do amor e dedicação à sua Terra e que tudo fizeram para que ela fosse cada vez mais desenvolvida. Que mesmo nos momentos mais difíceis nunca abandonaram a Nau, como outros o fizeram, nomeadamente o actual Presidente da Assembleia de Freguesia que quando era Presidente da Junta, abandonou o seu posto, não tendo o menor respeito por quem então o tinha eleito.

Foi Luis Viana que nessa altura, num louvável espírito de sacrifício e bairrismo, tomou a seu cargo a tarefa, sempre difícil, de dirigir os destinos da nossa terra.

Muito mais haveria que contar sobre este assunto, mas resta-nos desejar a justiça e a paz.

Reflitamos nas palavras do Evangelho: «é perdoadando que somos perdoados». Pela nossa parte já lhes perdoadamos.

★

A Junta cessante da Freguesia de Fão sempre serviu a sua terra com amor, honestidade e dignidade, ora ao serviço do PSD, ora do CDS.

Como a sua acção sempre se pautou pela resolução dos anseios e problemas da sua terra, numa linha isenta e construtiva, não olhando a directrizes políticas mas sim, a um ideal de bem servir e não servir-se, a Assembleia Municipal de Esposende, reunida hoje, dia 29 de Junho de 1990, louva todos os membros da Junta de Freguesia de Fão, que com competência serviram a sua terra durante tantos anos.

O grupo do CDS

ÓSCAR VIANA

### DECLARAÇÃO DE VOTO DE ÓSCAR VIANA NA ASSEMBLEIA MUNICIPAL

Senhor Presidente, é com grande máguia e tristeza que me refiro ao Plano Municipal para 1990, depois deter constatado que ele em nada vem favorecer e auxiliar os mais carecidos, o que no mínimo é de estranhar.

Parece-me que algumas das Freguesias do Concelho de Esposende terão que aguardar pelo próximo Natal. Talvez o «Pai Natal» lhes traga qualquer coisa do que já há muito vêm pedindo. Talvez elas — Freguesias — não sejam bafejadas pela sorte... e teremos aqui uma questão de «azar». Não me parece. Senão vejamos o caso das Freguesias de Vila Chã, Forjães, Belinho, Apúlia ou Gandra. O «Pai Natal» lembrou-se delas. Tiveram sorte.

Pela constatação desta disparidade de tratamentos, parece-me que o Presidente da Câmara não será o «Nosso» Presidente, mas apenas o Presidente de apenas alguns dos nossos municípios.

No caso concreto de Fão, é com grande consternação que verifico que lhe foi dado um relevo mais que secundário, e que nada parece compatível com a importância a vários níveis da Vila de Fão. Prometeram-se «mundos e fundos» para Fão e o que se verifica é que o Plano em causa, nada se faz que não seja falar na conclusão das obras que estão lançadas e prestes a serem terminadas.

Já que se fala em obras prestes a concluir-se, permitam-me aqui uma breve chanada de atenção:

sonhou-se em Fão durante alguns anos em construir-se um mercado... o sonho demorou mas tornou-se numa realidade. E agora!?

— Os novos «Patrões» de Fão que no Passado tanto criticaram e disseram que o mercado não passaria de um belo sonho, agora ao verem-no em fase de conclusão, não querem permitir que esta obra importante para Fão se concretize, e porquê? Talvez para dar resposta às tantas promessas eleitorais que fizeram e que agora se vêm na impossibilidade de cumprir. Por isso se aproveitam as obras já existentes, para delas fazer bandeira da sua vitória, como que atirando areia para os olhos do Povo Fangueiro. Fala-se então na reconversão do mercado, o que nada vem favorecer os interesses de Fão, não sendo mais que uma jogada política, que em vez de se fazer uma obra, se aproveite outra que já tinha o seu lugar assegurado e que tanto trabalho levou para que se concretizasse, para assim evitar a construção de uma nova obra, essa sim poderia trazer algum benefício para Fão.

Senhor Presidente, é com bastante surpresa e espanto que verifico que a Câmara, representada na sua pessoa, pactua com este atentado ao património da Vila de Fão. Pretendo com este apelo que o Senhor Presidente tome a iniciativa de repôr a justiça nesta situação tão caricata, para que assim prevaleçam os interesses da Vila de Fão. Fão, não pretende reconverter obras, senão mais e melhores obras.

No que se refere mais propriamente à minha declaração de voto, e para que se não repita o que já aconteceu em anos transactos em que se colocam os interesses políticos à frente dos interesses das próprias terras, e para que no futuro se não diga que a Câmara funciona mal por culpa da oposição, *Eu abstenho-me*, sabendo e realçando que este plano é um plano pobre e onde se esqueceu todas as promessas eleitorais. É, pois um plano desprestigiante para a Edilidade Esposendense e para todo o seu Concelho.

ÓSCAR VIANA

## ESPECTÁCULOS

*Cumprindo um costume que já vem de trás, realizaram-se em Esposende vários espectáculos musicais que nos apraz registar.*

*No dia 16 de Junho deu um espectáculo no Salão Paroquial de Esposende o Grupo Art Ave da Escola Profissional do Vale do Ave.*

*No dia 30 de Junho exibiram-se, também no Salão Paroquial, Paulo Gato Lima (violoncelo) e Teresa Xavier (piano).*

*No dia 1 de Julho houve a coragem de trazer à vila esposendense o famoso maestro António Victorino de Almeida para um concerto de piano. O facto de se tratar um domingo não nos pareceu a melhor data.*

## HUMOR NEGRO FANGUEIRO

Uma ocasião estavam a conversar junto ao Clube Fãozense, o Zeca Barqueira (Gago), o Marco (que s'engasga) e o Mário Belo (que lhe dá um jeito...).

Chegou-se a eles um sujeito de fora que pergunta:

— Fa...faz f...fa...vor d...m...m'ond...de é...é f...farmá...c...ci...a?

Responde de imediato o Zeca:

— V...v...vai p...por a...aq...aqui f...fo...ra q...q'ué j...já a...ali.

Retorque o forasteiro, pelos vistos desabridamente:

— V...vá...vá p...p'ró c...ca...ra...ças (declarado).

## FÃO NO ESTRANGEIRO

Ana Rita Spínola (Salvador-BA) — «Ouví dizer que na cidade de Fão, em Portugal, há uma lenda muito bonita que motivou uma romaria muito antiga, Podem me contar como é?

RESPOSTA — Fão, os estranhos rochedos costeiros chamados de «Cavalos de Fão» e a vizinha praia de Ofir, ficam em esposende (Braga) e são lugares envolvidos num fantástico tecido de lendas milenares, mas é apenas do séc. XVI e lenda do aparecimento, na prata, de uma imagem de Jesus e que motivou a tradicional Romaria do Bom Jesus. Para festejar tal achado, a par da devoção, há danças e cantares, fogos de artifício mas na segunda-feira da Pascoela realiza-se imponente procissão do Senbor dos Entrevados, que leva a comunhão aos doentes, caminhando sobre tapetes de flores criados pela inspiração popular. Bonita lenda, não é mesmo?

Maximiano Gomes Calafat (Rio) — Este leitor é de Fão e pede que noticiemos algo sobre sua terra.

RESPOSTA — «Muito pouco se sabe sobre a origem de Fão, que um historiador do século XVIII identificou com a Aquis Celenis, estação da via marítima romana de Braga a Astorga. Centro de um dos maiores complexos hoteleiros da Costa Verde, praia de Fão-Ofir é justamente considerada uma das mais belas do Norte de Portugal. Em frente à praia e justificando um pequeno passeio de barco, ficam os Cavalos de Fão, rochedos que correm de norte a sul, sempre cobertos de mexilhões, lapas e ameijoas. A vila velha oferece também fartos motivos de interesse, sobretudo pelo seu aspecto geral, em que sobressai o grande largo principal, de característica feição novecentista voltado para o Cávado. Dignas de menção são também as Igrejas do Bom Jesus, da Misericórdia e da Senhora da Lapa, em estilo barroco. Digna de prova é a sua excelente doçaria, em que as clarinbas e as cavacas são deliciosas. É o que podemos informar.

Estes dois textos foram publicados no jornal do Rio intitulado «Voz de Portugal». Um foi provocado, como já viram, por Ana Rita Spínola. Quem será? Não sabemos nem conhecemos o apelido Spínola ligado a Fão. Será uma descendente de fangueiros que se tenha casado com alguém que se chama Spínola? É possível.

A outra resposta foi questionada pelo nosso amigo Maximiano, actualmente a gozar uma férias em Fão. O mobil que levou este nosso conterrâneo a escrever ao jornal brasileiro foi o gosto de ver um jornal do Brasil falar da sua e nossa terra. O Maximiano recortou os textos, guardou-os e entregou-no-los há dias.

São pequenos gestos que nos referenciam o grande amor que os fangueiros ausentes nutrem pela sua e nossa terra.

O Maximiano é da nossa geração e da nossa rua. Andava na quarta quando nós frequentávamos a segunda classe. Deste tempo o que mais nos impressionou deste patrício foram os seus mergulhos no rio, no poço da Senhora Marinhas. Dava o salto e depois deixava-se estar lá no fundo a fazer caretas para quem estava em terra. Era um espectáculo. Isso era no tempo em que o rio Cávado era profundo e tinha águas transparentes.

# Carta Régia sobre a maneira de atrair gentes ao nosso Reino

Por **ARMINDO DUARTE**

Sua magestade abandonando a janela e depois de se sentar no seu real cadeirão, assim falou para os do seu Conselho, que impacientemente aguardavam a sua palavra: — «Quando ontem, passeando por entre os canteiros floridos dos jardins do Palácio, gozava um fim de tarde maravilhoso, veio-me a ideia de que poderíamos aproveitar este clima extraordinário que nos foi dado gratuitamente pela Natureza, para obtermos mais umas receitas para o nosso erário.

Mandaríamos emissários a outros reinos, cantar-lhes as belezas que possuímos e o bom do clima que lhes proporcionaríamos para um merecido descanso das labutas diárias das suas gentes.

Bem sei que não temos as melhores condições, além da benignidade do clima e das belezas naturais para lhes oferecer. Mas o bom sol, as boas praias e uma ou outra Romaria com danças e cantares populares, com certeza lhes agradarão, dada a vida operosa e agitada que vivem, a par do frio cortante, nevoeiros e neve que suportam. Temos ainda como aliciante, o oferecer-lhes a vida barata do nosso Reino.

Entretanto, lá iremos consertando o melhor possível as estradas, rêdes públicas de electricidade e águas, e incentivando quem, por intermédio de uma boa propaganda interna, esteja interessado em construir estabelecimentos hoteleiros, isentando-os de qualquer imposto durante 15 anos.

Assim irei decretar através de Carta Régia, bem como a criação de um departamento para aquele fim, que tomará as providências necessárias para a concretização desta ideia.»

Um membro do seu conselho, o mais no-

vo embora de certa idade, pedindo permissão para falar, depois de obtido um sim acenado com a cabeça, diz: — «Acho a ideia de Vossa Magestade maravilhosa e só possível a quem se debruça, na verdade, atentamente sobre os problemas do Reino. Vendermos o que nos é dado gratuitamente pela Natureza, é realmente uma ideia brilhante. Mas faça Vossa Magestade no conserto de algumas estradas, melhoramentos das redes públicas de água e electricidade e benefícios a quem esteja interessado na construção de Albergarias como necessário para tal fim. Contudo, se me permite a ousadia, parece-me que, além daqueles itens, também se deveria constar a exigência da limpeza.»

Sua Magestade, de cenho carregado responde, perguntando-lhe: — «Entende ser necessária essa citação? Não é já normal quando recebemos visitas em nossa casa aprimorá-la o bastante para causar boa impressão em quem recebemos?

Se isso é uma norma do nosso bom povo, se está no nosso sangue receber bem e pôr o melhor das nossas alfaias, parece-me uma ofensa tal recomendação!...»

Assim se decidiu, e a CARTA RÉGIA saiu!...

Como consequência da propaganda dos emissários enviados a outros reinos, começaram a aparecer as primeiras levas de pessoas a procurar o nosso bom sol, levas que foram aumentando devido às moedas dos outros reinos proporcionarem aos seus naturais o descanso neste cantinho à beira-mar plantado por um preço que não conseguiriam nos Reinos de onde eram oriundos.

Aqualonga, burgo marinho, apressou-se para poder beneficiar das novas medidas,

esperançada em enorme clientela devido à suavidade das suas praias. Empenhou-se a fundo na construção de Albergarias e outros suportes considerados como essenciais, tendo beneficiado como tantos outros burgos de alguns visitantes que a escolheram para repouso.

Não tantos quanto desejaria, mas, se se atender bem, ainda demasiados face à falta de limpeza e maus cheiros em Aqualonga, inclusivê na própria praia, mais que suficientes para afugentar o mais insensível...

Entretanto Sua Magestade morria.

O nosso personagem, já de idade avançada, cofiando as suas enormes barbas brancas, olhando a porcaria que impera em Aqualonga, com sarjetas entupidas, exalando nauseabundo cheiro; contentores de lixo, alfobres de moscas e porcaria; beira-rio onde na maré se vê a descarga dos esgotos com o seu cheiro pestilento; margem com latas e garrafas de plástico para ali atiradas como se fosse lixeira pública, diz para consigo mesmo: — «Ah!... meu Real Senhor!... Não me deste ouvidos!... Alma simples... entendeste não ser necessário que da Carta Régia constasse a 'limpeza'!... Não vêz no que deu? Os responsáveis, lendo aquela carta, concluíram estarem inteiramente a cumpri-la: albergarias, estradas razoáveis, boa praia, bom sol (que não foi feito por eles responsáveis, nem a praia), redes de luz pública e água sofríveis. Como, porém da Carta Régia não constava a limpeza, não há obrigatoriamente de a ter...»

Por isso ela não existe!...

## PLACAS DE SINALIZAÇÃO

*Foram colocadas duas placas de sinalização que proibem o trânsito de veículos pesados no interior da vila.*

*Muitos comerciantes começam a queixar-se, pois tal medida vem dificultar-lhe a vida no que diz respeito a abastecimento. Estamos a ver o nosso Zé a ter que acarretar as pipas de vinho desde o Bom Jesus até à loja.*

*Nas cidades vemos que o trânsito proibido numa rua decorre de X a X horas, ficando um intervalo para o reabastecimento.*

*Pensamos que tal medida se devia implementar entre nós.*

## JOGOS FLORAIS

Por iniciativa da Cooperativa Cultural vão realizar-se nesta vila os primeiros jogos florais que terão por tema as belezas da nossa terra.

Cada concorrente terá que entregar dois envelopes. Em um deles coloca a quadra e o respectivo pseudónimo. No outro escreve novamente o pseudónimo, o nome e a morada.

Pode-se concorrer com várias quadras mas cada uma em envelope separado.

Haverá um primeiro prémio e três menções honrosas.

O último dia para a entrega das quadras será o 5 de Agosto.

A morada para onde as cartas devem ser dirigidas será Cooperativa Cultural de Fão — Escolas Amorim Campos — Fão.

ÓPTICA *Oliveira*

ALEIXO FERREIRA, LDA.

APRESENTA AOS SEUS CLIENTES EM «EXCLUSIVO»

AS COLECÇÕES/90--ARMAÇÕES E ÓCULOS SOL

DA CONCEITUADA MARCA



«O REQUINTE EUROPEU»

Rua da Misericórdia, 6-12 -- Telef. 75777

«BREVEMENTE»

C.C. Granjinhos, Loja 518 -- Piso 2 -- Telef. 612933

4700 BRAGA

# PÁGINA JOVEM

## HISTÓRIA INACABADA

(Continuado do n.º anterior)

Por HELENA BANCO

**Olá, jovens! Hoje a conversa vai ser mais longa, para esclarecimento dos leitores que desconhecem o que é a vossa página.**

**A «Página Jovem» é um espaço que o jornal vos oferece, um espaço só vosso, preenchido *unicamente* com a vossa colaboração. Vocês escolhem os assuntos que vos interessam, que vos motivam. Sem interferências. Livremente. Sem dirigismos. Ninguém vos impõe os temas a tratar nos vossos trabalhos, e, em *mais de dois anos* de existência, nunca recebemos qualquer trabalho impróprio para publicação; nem tampouco nos faltou a vossa colaboração, assídua e dedicada.**

**Outro aspecto da vossa página é que nela não é aceite a participação de adultos, pois viria ocupar um lugar que não lhes pertence — porque é vosso.**

**Há tempos, um leitor relacionou a vossa página com a pobreza franciscana. Sendo esse leitor um sacerdote católico, tais palavras só podem significar um elogio, pois ele não ignora, certamente, que a pobreza voluntariamente assumida pelo jovem Francisco de Assis foi a expressão de uma luminosa e fecunda riqueza espiritual.**

**E, vendo bem, esse sacerdote tem razão. Há um certo franciscanismo na «Página Jovem»: na simplicidade despreziosa e autêntica dos vossos trabalhos; no amor pela natureza que vos leva à preocupação com os problemas ecológicos; na fraternal piedade com que chorais as crianças que sofrem, as vítimas da fome e da violência; no repúdio que manifestais pela guerra e nos veementes apelos à paz.**

**E mais ainda: à semelhança de São Francisco de Assis, tanto vós como nós saberemos aceitar, com igual serenidade, o elogio e o maldizer.**

Custava-lhe muito o desgosto que ia dar ao pai. Que a mãe, essa, ele sabia que ia gostar. Para ela, ele não tinha segredos. E há muito que lhe havia confiado os seus projectos, pedindo-lhe que não dissesse nada ao pai. Mas ele, Manel, ainda havia de os tirar daquela vida! E se tudo corresse bem, haveriam de ter uma casinha lá na terra, com uma horta para o pai ter terra para cavar. Já que é disso que ele gosta; já que não pode dispensar o cheiro da terra e dos campos, pois será isso que terá. O que eu não quero é que ele se mate de sol a sol, uma vida inteira, a trabalhar só para os outros. Pois senão, o que é que ele, João da Eira, o melhor caseiro da terra e das freguesias vizinhas, havia ganho com tantos anos de canseiras?

A mãe tudo isto ouvia, com um sorriso complacente. Ela, melhor que ninguém, bem sabia as dificuldades porque tinham passado, principalmente nos «anos maus». Mas fora habituada assim, sempre assim fora, de há muito estava resignada.

O Manel é que não. E até já tinha falado nisso à Ana. A Ana, que era a sua namorada, concordava com ele. E a Ana era habilidosa! Tinha umas mãos de fada. Pois não era ela quem costurava os bonitos vestidos das filhas do Brasileiro, copiando os modelos por revistas que as meninas traziam da cidade? Muito haveria de o ajudar a Ana, principalmente nos primeiros tempos de negócio. Porque, primeiro, logo que viesse da tropa, era casar. Havia de ver!

E a Tia Rosa, sabia que assim seria. «Querem é poder» — diziam os antigos. E a força que o Manel punha nos seus sonhos, nos seus desejos, nos seus projectos! E sempre fora tão bom filho. Que mal haveria, pois, em querer uma vida melhor, em querer que os seus filhos, os filhos do seu Manel, os seus netos, tivessem aquilo que ele não teve, pudessem ir à Escola, aprender as coisas que a ele foram proibidas? — Deus havia de o ajudar. A ele e à Ana, boa cachopa, sim senhor! Desde muito nova, sem mãe — que Deus tinha levado — sempre foi uma boa rapariga. Estavam mesmo a calhar uma para o outro. E que lindo par formavam!

(Continua)

## GUERRA OU POLUIÇÃO

*Todas as pétalas caíam*

*Uma após outra.*

*O sol cessou.*

*A noite caiu.*

*Mas, nesse mês de Estio,*

*Já não se ouviam os grilos,*

*Ou as cigarras,*

*Ou o Vento doce.*

*Não se via o olhar das Estrelas*

*Não se notava o sorriso da Lua.*

*Por toda a parte se ouviam*

*Gritos e lamúrias de arrependimento,*

*O choro das crianças,*

*Dessas crianças cheias de vida*

*E condenadas a morrer,*

*Sem Mundo para viver!*

MARTA (14 anos)

ESTA FOLHA TEM O PATROCÍNIO DE:

*Impetus* 

(Continuado do número 72)

de TIAGO (14 anos)



# ÁFRICA, ADEUS

Por JOSÉ RAMOS DA SILVA

—Porque é que eles não vieram aqui pedir o dinheiro? Já o fizeram tantas vezes e não num casotão sério como este.

—Não sei — respondeu o enfermeiro — talvez pensassem que o senhor não emprestaria.

—E porquê?

—Não sei — respondeu o enfermeiro — Talvez porque os brancos não concordem com este tipo de soluções.

—E depois, o que aconteceu? — perguntei.

O enfermeiro exitou um pouco e retomou a narrativa.

—O feiticeiro preparou a mesonga e entregou-a ao velho Mutangue para este a pôr na comida do filho.

—O quê!? — exclamei furioso, — o pai foi pôr veneno na comida do filho?

—Sim — confirmou o enfermeiro — Só que o Francisco, quando comeu, começou a sentir-se mal e vomitou, portanto deitou o veneno fora; aí apercebeu-se de que o quiseram matar e, apressadamente meteu algumas roupas dentro de uma pequena mala de mão e fugiu em direcção a Bulargargo onde tinha família. Mas o pai ao ver que o filho ia a fugir foi avisar o Soba e este por sua vez mandou logo o Corocáge com mais dois homens atrás dele, e caçaram-no à entrada da mata da Maria Helena. Aí agarraram-no e apunhalaram-no até o matarem, deixando-o com a mala ao lado.

O enfermeiro ficou silencioso, sinal de que tinha terminado a sua narrativa. Eu também me encontrava calado, não sabia o que dizer, devido à minha enorme estupefacção. Depois, levantei a cabeça, olhei o enfermeiro nos olhos e perguntei-lhe:

—Lourenço!, diz-me, tu que és preto, o que é que a tua consciência te diz de tudo isto? Achas que se os brancos castigarem estes assassinos estão a fazer um acto de justiça, ou estão a interferir nas tradições dos nativos?

Ele ficou um pouco embaraçado, e por fim respondeu:

—O senhor tem de ter em conta que um preto nunca pode pensar como um branco. Eu, por exemplo, vivo com os brancos, apren-

di muito com eles e continuo a aprender, mas há muita coisa que me liga às tradições indígenas, e eu não poderia dar resposta à sua pergunta, pelo menos uma resposta que o satisfizesse. Claro que não sou pela violência, e entendo que se não devia matar, mas compreendo muitas vezes a razão porque o fazem.

Fiquei admirado com a resposta, e resolvi dar o diálogo por encerrado.

—Está bem, Lourenço, eu compreendo-te e agradeço teres-me contado.

—Sim senhor Ramos, mas não se esqueça de que me prometeu não mais mexer neste assunto.

Abanei a cabeça afirmativamente. O enfermeiro saiu, e eu continuei sentado na cadeira pensativo e preocupado.

Um homem fora barbaramente assassinado e os seus assassinos estavam livres e impunes. Eu iria cruzar-me todos os dias com aqueles para quem matar um ser humano não constituía nenhum problema de consciência. Em suma eu e minha família vivíamos no meio de assassinos que na primeira oportunidade nos matariam o todos. Por outro lado, depois da independência do Congo, as barbaridades que por lá se cometeram contra os brancos, tiveram grandes reflexos em Angola, onde os nativos se tornaram desobedientes e nada nos garante que qualquer dia não se virem contra nós. O que podemos fazer? Portugal não tem aqui nenhum exército para nos defender e se os pretos se lembram de nos atacar vai ser uma carnificina. A minha família não está bem aqui, tenho que a tirar de cá. Mas como? As crianças agora na escola dificultam as coisas.

Cerca das três horas da tarde ouviu-se o roncar de um motor e pouco depois um carro parou à porta. Saí para ver quem tinha chegado.

—Oh! é o senhor Fausto?

Era na verdade o meu antigo patrão e agora meu sócio. Ele tinha sessenta e quatro anos mas tinha-se casado só há cerca de sete anos com uma mulher nova e tinham três filhos pequenos. O mais velho com seis anos.

Minha mulher veio também cumprimentar os recém chegados e depois a conversa recaiu sobre os acontecimentos que tinham

ocorrido nos últimos dias e que tinham levado à morte um dos nossos trabalhadores.

A conversa estava neste pé, quando um ruído de motor me fez ficar na expectativa. Pouco depois parou um carro; viemos os dois ver quem tinha chegado. Era o chefe do Posto. O senhor Fausto dirigiu-se-lhe:

—Então o sr. por cá!

—É verdade — respondeu-lhe o Chefe — passei por Vista Alegre e disseram-me que o senhor tinha chegado e vim cá fazer-lhe uma visita.

—Obrigado. — respondeu o Fausto, — Mas suba para tomar alguma coisa fresca.

Já na varanda do edifício, e enquanto se saboreava uma bebida, o Chefe, perguntou-me:

—Então aquele assunto do preto está encerrado?

—O senhor é que é a autoridade — respondi — e como tal só o senhor poderá dizer se está encerrado ou não. Eu apenas lhe posso afirmar que o homem foi assassinado e que o assassino é o Corocage. Eu já descobri tudo. Agora o senhor como autoridade fará o que entender. Eu não farei nada. — respondeu o Chefe — Enquanto eles se entretem a matar-se uns aos outros, que me deixem em paz.

Olhei para o Chefe surpreendido e respondi energeticamente:

—Sr. Chefe! É muito triste quando alguém é obrigado a perder a sua autoridade, mas muito mais triste é abdicar dela como o senhor está a fazer!

O Chefe procurando não perder a calma respondeu-me:

—Sr. Ramos, para exercer a autoridade é preciso ter o apoio necessário para fazer cumprir a lei; e, diga-me: que apoio tenho eu? Sou apenas um homem que está com a sua família num Posto que hoje se encontra isolado. Tenho dois cipaios que são pretos e que amanhã talvez sejam os primeiros a atirarem-se contra mim. Portanto diga-me: o que é que eu sozinho posso fazer numa área enorme como é a área do Posto de Cambamba? Sabe o que eu vim fazer hoje a Vista Alegre? Vim procurar uma casa para me mudar para cá. Já pedi autorização para isso, pois receio estar em Cambamba, e aqui, sempre estamos na estrada Luanda-Carmona, onde será mais fácil chegar alguma ajuda. Sabe-se por documentos apreendidos e até por confissões de alguns presos, que eles preparam alguma coisa contra nós, portanto nesta situação devemos evitar conflitos com eles, até porque devemos reconhecer que nós não temos força para eles! Ou a Metrópole acorda e põe aqui efectivos militares, ou a situação ficará insustentável para nós. É esta a razão por que eu não quero imiscuir-me nos assuntos que são só deles.

—Acho que tem razão — respondi.

Nós às vezes, parece que não nos queremos aperceber das realidades, mas não há dúvida que é tal qual como ele diz. Nós não temos força para os obrigar a respeitarem-se uns aos outros, e como tal muito menos para as fazer respeitar a nós.

O Chefe terminou a bebida e acrescentou:

—Temos que estar todos alerta e avisar sempre as outras pessoas brancas de qualquer anormalidade, para que ao menos não sejam apanhados de surpresa.

Despediu-se, entrou no carro e partiu.

## ÀS GARAGENS

TEMOS PARA ENTREGA IMEDIATA E AOS MELHORES PREÇOS:

- TESTES ELECTRÓNICOS
- ELEVADORES DE PISTONS
- ELEVADORES DE 2 E 4 COLUNAS
- MINI-ELEVADORES
- GRUAS HIDRÁULICAS
- MACACOS
- LAVAGEM A ALTA PRESSÃO «DIMA»
- MÁQUINAS DE LUBRIFICAÇÃO
- COMPRESSORES
- FERRAMENTAS MANUAIS

## REIMELI, LDA.

RUA 5 DE OUTUBRO, 272 — TELEF. 691018 — TELEX 23623 — 4100 PORTO  
AGENTE EM FÃO: JOÃO EMÍLIO SÁ PEREIRA — TELEF. 961845

## DE REGRESSO

Tivemos o grato prazer de abraçar o nosso amigo Manuel Nascimento Júnior que em Paris foi submetido a uma melindrosa operação. O mau tempo já lá vai.

Desejamos uma rápida convalescença.

# FARPAS DE ESCÂRNIO E BEM-DIZER

Por QUIM DE FÃO

Antigamente, o Largo era o coração da terra. Aí passavam as camionetas; descarregavam e carregavam passageiros. Sabia-se quem vinha e quem partia. Aí se podia em «venda pública» o que se podia e não podia vender. Os grandes da terra assentavam arraiais e dominavam com o seu olhar e algumas vezes de bengala em riste, dominavam o povoado e as mulheres.

Fão também tinha o seu Largo. Também aí paravam as camionetas do Linhares; também aí tinha o Clube dos pacatos(?), dos seleccionados, dos mandantes. Daí dominavam, no Inverno, tudo e todos. À mesa de jogo, congemnavam como administrar a terrinha. Chegava o Verão. Outros Pacatos — os banhistas — ocupavam o Clube e o Largo, quando podiam e os deixavam, também dominavam à sua maneira. mas eram simpáticos e as figuras tiveram a sua época. Faziam festas para as Conferências dos Pobres; faziam bailes — seleccionados — onde elegiam a sua querida; faziam-se noivados e arranjavam-se casamentos.

O Largo morreu. Os Largos da Praça; do Fontes; do Cortinhal morreram. E com eles morreram «as vendas em público»; os mandantes — Já não há quem mande nem quem queira mandar —; morreram as histórias da terra do Inverno e do Verão.

—Muitos o mataram.

Constituíram-se novos bairros e com eles um café. Um café que aglomera, recebe e iguala os clientes pelo consumo; um café que tem um aparelho de música e um receptor de televisão; um café-de-bairro ao pé da porta onde todos se conhecem e admiram.

Depois veio a igualdade de direitos e os que se sentiam despojados do seu pedestal honorífico ficavam em casa. Outros compraram um vídeo e ocupam os seus tempos nos «desportos» de moto-cross. Todos mataram o Largo. E com o Largo foi morrendo a terra. O Largo, hoje, já não é ali, no coração da terra, no coração de Fão. O Largo é o Ramalhão; é no Ofir; é nas Pedreiras. O Largo espalha-se por todo o lado. Já não há mandantes... e a terra, tal como o Largo, vai morrendo porque vai mudando. Nada é como outrora. Já não há conferências de São Vicente de Paulo; já não há aqueles exércitos negros das sextas-feiras; já não há bandeirinhas e bandas de música quando chega um amigo ou benfettor. Tudo mudou. A gente ganhou em cultura; em dinheiro; em ócio. Não quer mais o passado e o LARGO mor-

reu para sempre, mesmo que ainda haja uma nostalgia, um saudosismo nos Homens que governam o Largo.

Na última semana, com que o Junbo se despediu lemos, no Comércio do Porto, uma notícia que nos apraz registar e transcrever: «Poluição leva industrial à prisão». Esse era o título. Depois, no corpo da notícia, informava: «Um industrial canadiano foi condenado a seis meses de prisão porque a sua fábrica estava a poluir a água potável dos poços da região».

Isto passou-se no Canadá. Que pena! Poderemos, por uns tempos, pedir a legislação canadiana emprestada? Ou a nossa legislação, o nosso direito, também permitirá meter na «cadeia» quem polui as nossas águas, os nossos rios, os nossos pinhais?

A Junta de Freguesia colocou, e bem, por todo o pinhal, centenas-centenas! — de bidões azuis — cores do clube de futebol de Fão — para que os piquentiqueiros ou piquentadores não conspurcassem a zona. Alguns bidões, ao fim de semana estão cheios, mas há muitos vazios com o lixo em volta. Já não há «volta» a dar-lhes. Lá em casa, lá na terra, estão assim habituados. Vêm para a nossa terra e fazem o mesmo.

Para vigiar estes e outros desmandos, a autarquia conseguiu, durante os meses de verão, que a GNR patrulhe a cavalo, o pinhal e dunas de Ofir. Lá garbosos e bonitos são eles! Eficazes? Vamos lá ver. Pelo menos, parece que o Clube dos Tirapicos tem sido incomodado... e o dos Espreitas também. Muita coisa tem de ou vai mudar...

Como falamos de mudanças, outra não me causa espanto e é de louvar: finalmente, aquele barraco provisoriamente construído nas traseiras do Hotel do Pinhal vai «mudar» definitivamente para uma casa digna. A autarquia acordou com o inquilino na mudança, e, segundo ouvi dizer, terá uma casa agora e sempre por um preço mensal justo, noutra local.

Porque falamos de casas, consta-se que muito em breve vai nascer no Caldeirão uma cidade satélite da nossa vila. Serão construídas, desta vez, casas para quem não tem casa e para quem não tem dinheiro. Não haverá guerra de acunhados. Nem o diz-se... diz-se. O exemplo é recente e o povo não tem a memória curta, sobretudo quando lhe convém.

No último número referimos o «pombal» — edifício construído a norte do cemitério. Fomos informados que os TLP ou Telecomunicações nada tiveram a ver com a escolba do Local. Alguém com responsabilidade no passado autárquico sugeriu aquele local. Mais um erro, no nosso ponto de vista, que a terra vai pagar caro.

A obra de alargamento do cemitério está a chegar ao fim. Retirados os muros como convinha e tornado o recinto num único bloco, não fica mal. Mas ainda os trolhas e calcetinhos não terminaram os arranjos exteriores e já a sul o espaço para estacionamento está transformado em Mercado Dominicinal. Ali pousam sacos de batata, frangos e outras gigas de borta aglomerada, mais os tractores que num ápice «conquistaram» o direito ao recinto para posto de venda dos produtos da terra.

Não temos nada contra os vendedores de fim-de-semana na estrada, mas ali! a intenção da autarquia, creio, não foi essa. Apenas e só arranjar espaço para estacionamento dos automóveis daqueles que visitam o cemitério. Agora e já aconteceu... os automóveis não conseguem lá meter o nariz, a não ser que pisem os... frangos.

## AOS HABITANTES DE FAM

Em Fam tem havido diferentes jornais, e todos se findaram à mingua de assignaturas.

A vida do jornal depende de assignaturas. Se conta numero suficiente de assignaturas, que possa garantir a despesa, o jornal vive e sustenta-se; se não conta, morre, fatalmente, como todos morreram, deixando deficit aos seus dirigentes.

Francamente, não é justo que dous ou tres se sacrifiquem pelo engrandecimento e progresso da terra; jámais, quando o beneficio é de todos. Justo seria que todos cooperassem na sustentação do jornal, com a sua assignatura. Quem não poderá dispor de 10, 15 ou 20 escudos por ano? Havendo boa vontade, tudo se consegue.

Sempre se ouviu dizer, que a imprensa é a mais poderosa alavanca do progresso.

Infelizmente, nem todos atingem esta flagrante verdade Fam, não possuindo um jornal, não pode progredir, como convem e deseja. Não tem, quem defenda os seus interesses e direitos; não tem, quem faça reclame à nossa excelente praia e outras belezas naturais; não tem, quem faça propaganda do nosso comércio e industria; não tem, finalmente, quem leve ao longe e ao largo, o nome de Fam e dos seus benemeritos.

O jornal é, ainda, um poderoso fator da instrução; por elle adquirimos varios conhecimentos.

Uma vila, como Fam, que não tem um jornal seu, não pode jactar-se de ilustrada, deixa muito a desejar.

Visto, assim, de relance o enorme alcance do jornal, resta cria-lo e alimenta-lo.

O exclusivo alimento do jornal são as assignaturas.

Angariar assignaturas, não é trabalho de dous ou tres, e muito d'um só; é trabalho de muitos. Nesta contingencia, convem organizar-se uma empresa para criar e administrar o jornal, proporcionando-lhe uma vida larga.

Este gesto altruista e bememerito, eu deixo ao lucido criterio dos habitantes de Fam, que se prezam, e prezam o seu berço; lançando á margem represalias e revendictas, que só degradam e rebaixam.

A causa é de todos e para todos.

C.C.

NOTA DA REDACÇÃO: Fazemos nossas as palavras do Padre Chaves (Chaves Coupon). Devem ter sido escritas à volta de 1918.



# DE APÚLIA

**ÓBITOS** — Faleceu no dia 9 do mês de Junho, a senhora Adelalde Dias Ribeiro, viúva de José de Sá Condeso, nascida em 10/11/1901, filha de Paulo Gonçalves Ribeiro e de Ana Fernandes Dias. Residia no lugar de Paredes.

— No dia 15 do mesmo mês, no lugar de Criaz, faleceu a senhora Maria Gonçalves Carreira, viúva de António Gomes, natural de Navais, Póvoa de Varzim. A extinta era filha de Luís Gonçalves Carreira e de Clementina Gomes da Silva. Nasceu em 22/01/1912.

— Ainda no mesmo mês, em 20, faleceu o senhor Manuel do Vale Enes, filho de Manuel Valério Enes e de Ana Rosa do Vale, figura muito conhecida e estimada de todos os apulienses. O saudoso extinto era natural da freguesia de Creixomil, Barcelos, onde nasceu em 13/4/1924, e residia no lugar da Areia, para onde veio e se estabeleceu com um café-restaurant, ainda jovem.

Deixa viúva a senhora Maria Amélia Gomes das Elras.

Os nossos pêsames para todos os familiares destes nossos conterrâneos.

**ACIDENTE DE VIAÇÃO** — Na noite de S. Pedro, em 30 do mesmo mês de Junho, faleceu, vítima de acidente de viação, o senhor Zacarias Fradique Ribeiro, natural e residente em Apúlia, no lugar da Areia, nascido em 21/12/1922, filho de António Fernandes Fradique Ribeiro e de Rosália Fernandes dos Santos. O atropelamento verificou-se às 3 horas da manhã daquele dia, quando a vítima atravessava a Avenida da Praia, no cruzamento que dá para a Casa do Povo.

Era casado com a senhora Rita Gomes Moreira da Silva.

**DOENTE** — Já se encontra em sua casa depois de ter sido submetido a operação cirúrgica, o senhor José António Carlos Carvalho, que anteriormente estivera em tratamento numa clínica da Póvoa de Varzim.

Desejamos-lhe rápido restabelecimento para se poder dedicar novamente às suas pinturas.

**FESTEJOS EM APÚLIA** — Com música gravada, e as inseparáveis sardinhas assadas do nosso mar, o pão de milho e o vinho, tudo em abundância e à descrição de cada um, festejou-se no Largo do Cruzeiro o S. João, o Santo da alegria e da bondade, dos manjericos e orvalhadas.

A alegria, a fartura e a festa entraram pela manhã fora do dia seguinte. Muitos, foram dali para o trabalho.

E, como S. Pedro também é um dos Santos

populares a quem os apulienses muito querem, havia que festejá-lo e glorificá-lo, à maneira. Houve música, foguetes, marchas populares, folclore, alegria e animação a rodos, e também, gratuitos, o bom vinho da região, broa de milho e as inevitáveis, nestes casos, sardinhas assadas.

Junto ao «Grassol», que foi o patrono destas festividades, dançou-se e comeu-se até ser dia.

Parabéns a todos os que sonharam e organizaram estas festas populares.

**A FEIRA** — Não vamos falar (hoje) da feira de variedades, por cá bem «armada» todos os dias; nem da feira de dislates que se realiza todas as horas em alguns dos lugares públicos da vila, e para as quais todos temos a nossa quota parte.

A feira de hoje, é mesmo feira. Feira de vendas e de compras. A celeberrima e edificante feira das quartas-feiras, dos meses fartos de Verão. Feira que ocupava todas as vias de comunicação junto à praia.

Não há ainda muito tempo, toda a gente entendia que ali, naquele sítio, a feira não devia ser permitida. Citava-se o trânsito engarrafado, os lixos dos dias seguintes, os abusos das tendas mesmo encostadas às portas dos estabelecimentos comerciais, o barulho de dia e de noite, os «banhistas» que não conseguiam descansar, e foi para isso que eles para cá vieram, e os malefícios que estas coisas trazem ou arrastam consigo. Qualquer pessoa consciente compreendia que ali, a feira, não podia funcionar. Famílias inteiras de veraneantes, «habitues» da nossa praia, deixaram de nos procurar, entristecidos com o rumo que as coisas levavam. E a feira, a sua realização na via pública, junto à praia, é um dos factos que alguns apresentam para justificar a sua debandada.

Antes de se acabar com a feira devia ter-se conseguido uma alternativa? Devia. Só que azul põe-se o problema: onde? Na Avenida da Colónia? Nas Dunas da Ramalha? Em Cedovem?

Creemos que tem havido muita precipitação. As pessoas hajem emocionalmente, com o coração, e não deixam que seja a cabeça a pensar. Depois os inevitáveis exageros, os abusos de linguagem (que em alguns casos não é nada de admirar) tomam-se posições de defesa ou ataque de pessoas que ajudaram a eleger para defenderem os interesses da terra, e que então eram os melhores do mundo e que hoje, são o pior que há.

**IRMÃOS FORREN** — O Amândio e o António já cá estão. O Manuel vem aí. O primeiro e último do Brasil; o António do Canadá. Vêm passar em período de repouso e abraçar os seus. E os amigos.

Para os amigos Torres um bom período de férias e muito descanso, sobretudo para o Manuel...

## CARTAS AO DIRECTOR

Sr. Director

Com as minhas saudações jornalísticas, venho junto de V. Ex.<sup>a</sup> expressar o meu desagravo pelas considerações feitas por um tal Sr. Da Torre aos diversos artigos do nosso jornal.

Penso que situações destas, e, sobretudo, quando levantadas por pessoas mal intencionadas, destituídas de bairrismo e bom senso, deverão ser um lenitivo para fazermos mais e melhor.

Posto isto, e para o tal Sr. Da Torre queria informá-lo que, na parte que me diz directamente respeito, ou seja, mais concretamente a «Folha Agrícola» refuto o seu comentário e considero-o de ignorante e maldoso.

Cite-me Sr. Da Torre um jornal regional, ou mesmo diário, que tenha uma Folha Agrícola?

Em face disto só me resta acrescentar «os cães ladram e a caravana passa»...

Cumprimentos

A. RAMOS ASSUNÇÃO

## ESPOSENDE

### notícias várias

#### RÁDIO EM ESPOSENDE

Já se encontra a emitir em frequência modelada na faixa 93,2 MHz, embora ainda em regime experimental, desde o passado dia 23 a RÁDIO VIVA de Esposende, conforme autorização publicada no Diário da República, II Série de 23-12-89.

À RÁDIO VIVA desejamos longo e brilhante futuro e os maiores êxitos na missão e responsabilidade que a partir de agora tem no desenvolvimento do nosso Concelho.

— A Vila de Esposende, apresenta aos seus habitantes e visitantes, um novo figurino para o trânsito dentro da vila, tentando com as medidas tomadas regular um pouco o já desordenado e complicado tráfego de veículos nas ruas de Esposende.

Várias placas de aviso aos condutores foram colocadas nas diversas ruas e praças de Esposende, principalmente as de proibição de estacionamento e a de trânsito proibido, não escapando as paragens de autocarros e o estacionamento dos mesmos no Largo Rodrigues Sampaio e Av. Marginal.

Pensamos que esta última medida foi a mais acertada de todas, nos outros casos julgamos não ter existido um estudo muito cuidado.

— A conhecida Ponte de Fão, tem sido nos últimos tempos um verdadeiro pesadelo para quem no seu dia-a-dia a tem de atravessar, como é o caso dos diversos automobilistas e camionistas que pela Estrada Nacional 13 transitam. Grandes filas de veículos se formam nos dois sentidos com alguns kms de comprimento, desde a Senhora da Saúde e desde o Cemitério de Fão. A referida ponte, por ser relativamente estreita, não permite a passagem em simultâneo de veículos pesados o que contribui em grande parte para a formação das conhecidas bichas, que a todos desagradam.

Se a autarquia de Esposende conseguisse junto de quem de direito que o tráfego de longo curso fosse desviado para a nova ponte de Barcelos, em muito contribuiria para melhorar a densidade de trânsito que se faz sentir nesta altura entre a zona da Senhora da Saúde e o Cemitério de Fão.

A cidade de Viana do Castelo desviou o tráfego de pesados da sua ponte fazendo-o passar por Lanheses, para Esposende a situação que se vive talvez fosse de mais fácil resolução, se itinerários alternativos ou placas informativas dos mesmos colocadas em pontos importantes dessem a conhecer aos motoristas, outras passagens sobre o Rio Cávado sem grandes percas de tempo nas bichas de trânsito que se formam até chegar junto da ponte de Fão. Não gostamos de dar palpites sobre medidas que se poderiam tomar, mas arriscaremos as seguintes soluções:

— Trânsito de longo curso, que fazem o trajecto Viana-Porto, principalmente pesados, uma placa informativa junto à Fábrica das armas indicando a alternativa Ponte Nova de Barcelos, com saída junto aos Marinheiros em Apúlia. Nesta última localidade uma outra placa que dê a mesma informação para os viajantes e motoristas de pesados que transitam ou fazem a ligação entre o Porto e Viana.

O Verão ainda mal começou e já se faz sentir grande concentração de automóveis ligeiros nesta zona, que aumentará conforme os nossos imigrantes forem chegando.

#### DESPORTO

A Associação Desportiva de Esposende, terminou a fase final do Nacional da III Divisão, em 2.º lugar, com os mesmos pontos do 1.º classificado o «Lousada».

— No Distrital de Juniores também a ADE, conseguiu a sua melhor classificação de sempre em fases finais, atingindo o segundo lugar a 2 pontos do líder Fafe que subiu aos Nacionais da categoria.

Esta equipa foi orientada pelo conhecido Zé Manuel Vassalo, que terminou o seu Curso de Treinadores no passado dia 9 de Junho, tendo sido aprovado, que contou com a colaboração do seu amigo Zé Armando.



# FOLHA AGRÍCOLA

Por A. RAMOS ASSUNÇÃO



## CULTURA DA BATATEIRA

(Continuado do número anterior)

### Concurrent

Variedade *precoce* de elevado rendimento pele *amarela* com tuberação muito precoce. Aparentemente apta para o cultivo tanto em solos argilosos como arenosos. Os tubérculos muito grandes tem boa forma, são

*ovais*, com olhos superficiais e polpa *amarela clara*. A qualidade de consumo é boa — numa fase precoce — firme à cozedura, com baixo teor de matéria seca. Susceptível ao míldio tanto na folha como no tubérculo. Bastante boa resistência às viroses. Bastante susceptível ao «verticillium» e danos mecânicos. Imune ao cancro e pouco susceptível ao enegrecimento. Tem um período de dormência bastante longo, para uma verdadeira temporã. Os tubérculos filologicamente velhos são susceptíveis de originar a formação de «batatinhas». Especialmente aconselhada a sua venda como batata primor lavável.

### Desiree

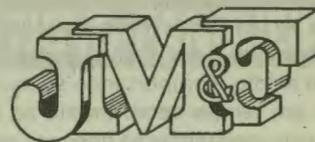
Variedade *semi-tardia*, de pele *vermelha*, com elevados rendimentos no mundo inteiro. Pode ser cultivada nos mais diferentes tipos de solos como está provado. Os tubérculos são grandes, *ovais* alongados, e tem olhos bastante superficiais e polpa *amarela clara*. Boa qualidade para consumo, bastante firme à cozedura e médio teor de matéria seca. Susceptível ao míldio de folha, mas pouco susceptível ao míldio do tubérculo. Boa resistência às viroses e «verticillium», mas susceptível à sarna comum. A tuberação precoce, combinada com a pouca susceptibilidade aos danos mecânicos, fazem desta, uma excelente variedade de cultivo. Boas qualidades de armazenagem.

### Frisia

Variedade *semi-precoce*, de alto rendimento e pele *amarela*, com muito interesse para a industrialização. Aparentemente, adapta-se melhor aos solos argilosos do que aos solos arenosos, sobretudo se se tiver em

vista as suas características industriais. Os numerosos tubérculos, são de grande calibre, regulares, *ovais*, com olhos superficiais e polpa *amarela-creme*. Boa qualidade de consumo, nos mercados com preferência pela cor *amarela-creme*. As batatas podem descolar um pouco após a cozedura. Bastante firme à cozedura, com teor de matéria seca

JOSÉ GOMES AMORIM MARQUES & FILHO LDA



Aduos Químicos • Insecticidas  
Sementes Hortícolas • Batata de Semente •  
Importador Exportador

SEDE  
A-Ver-o-Mar ☎ 681765 ..... PÓVOA VARZIM  
FILIAL  
R Filipa Borges ☎ 812199 ..... BARCELOS

moderadamente elevado. Boa qualidade para a transformação industrial (Chips). Moderadamente susceptível ao míldio da folha e do tubérculo, susceptível à sarna comum. Bastante resistente ao enegrecimento interno e resistente ao *nemátodo dourado (Ro1)*. Boas características de armazenamento.

### Apolo

Batata de consumo, *temporã*. Tubérculo oblongo regular, olhos muito superficiais, pele e polpa *amarela*. Altura média, porte semi-erecto floração média. Rendimento bastante bom com tubérculos bem desenvolvidos. Bastante resistente ao míldio, medianamente sensível ao vírus Y e ao vírus de enrolamento.

### Lola

Batata de consumo. *Temporã e semi-temporã*. Tubérculo oblongo, regular, olhos superficiais pele e polpa *amarela*. De altura média, porte semi-erecto, floração escassa. Rendimento muito elevado com tubérculos bem desenvolvidos. Bastante sensível à sarna comum e ao míldio da folha, sensível ao vírus Y e ao do enrolamento.

### Rosalie

Batata de consumo, *semi-temporã*. Tubérculo oval, regular, olhos superficiais, pele roxa, polpa *amarela*. Planta, alta, porte semi-erecto, floração abundante. Rendimento elevado a muito elevado. Bastante resistente ao míldio da folha e ao do tubérculo e ao vírus Y e ao do enrolamento.

# Basta<sup>®</sup>

## a melhor alternativa

Herbicida total

Largo espectro • Acção rápida • Flexibilidade • Segurança

Para mais esclarecimentos consulte o  
Departamento de Agricultura da  
Hoechst Portuguesa S.A.

Apartado 6 2726 Mem Martins Codex  
Telefone 9 21 21 60

Filial: Av. Sidónio Pais, 379  
Apartado 1311  
4201 Porto Codex  
Telefone 66 70 51

Hoechst - um amigo  
na agricultura

Hoechst   
Cap. Soc. 1.200.000.000\$ Cont. Reg. Com. Entre L.º 1428

(Continua na pág. 10)

(Continuado da pág. 9)

**Aminca**

*Temporã* e de bom rendimento. Particularmente indicada para a transformação em batatas fritas. Produz tubérculos de forma oblonga, de pele *amarelo pálido* e *polpa amarela*. Bastante sensível ao míldio da folha, mas, pouco propícia ao míldio do tubérculo. pouco susceptível à galha verrugosa e resistente ao biotipo A do nematodo dourado.

**Draga**

*Semi-temporã* de bom rendimento, boa para a mesa e de óptima conservação. Tubérculos arredondados de pele macia e polpa (tipo Arran-Banner); de folhagem baixa cobrindo muito bem o solo. Bastante resistente ao míldio, comportando-se muito bem mesmo em tempo seco. Imune ao cancro. Não só pela resistência às doenças mas também pelas facilidades de produção — condições e segurança de colheita — é uma das mais notáveis variedades adaptando-se aos mais diversos climas. Muito consistente, cozendo sem desfazer.

**Spunta**

*Semi-temporã*, de rendimento muito elevado e de fácil implantação. Produz tubérculos de forma oblonga regular de pele *amarela pálida* e *polpa amarela*. Plantas bastante vigorosas e corpulentas, de porte levemente pigmentado e muito ramificado. Muito boa resistência ao míldio e às outras doenças, não sendo afectada também pelas geadas nocturnas. Pelas suas múltiplas qualidades e possibilidades de emprego, é a variedade ideal para os produtores e consumidores.

**Arran Banner**

Batata de consumo, média, redonda, pouco regular, olhos bastante fundos, pele amarelo pálido, polpa branca. Planta alta, porte erecto, floração bastante escassa. Rendi-

mento muito elevado com tubérculos muito desenvolvidos. Bastante sensível ao míldio da folha, medianamente ao do tubérculo, ao vírus Y e ao do enrolamento. Sensível ao vírus X.

Variedade resistente à secura, para países Mediterrâneos.

**Bintje**

Batata de consumo. Semi-temporã, oblonga, regular, olhos superficiais, pele e polpa amarela. Planta bastante alta, porte semi-erecto, floração bastante abundante. Rendimento elevado a muito elevado com tubérculos bastante desenvolvidos.

Sensível ao míldio, ao vírus Y e à sarna comum. Resistente ao vírus A, medianamente sensível ao do enrolamento. Muito boa para batatas frias.

Variedade produtiva boa para a transformação e todos os usos culinários.

**Claudia**

Batata de consumo. Média, oblonga, regular, olhos superficiais, pele amarela e polpa amarela pálida. Planta de altura média, porte erecto, floração bastante abundante. Rendimento muito elevado com tubérculos muito desenvolvidos. Resistente ao vírus A, medianamente sensível ao vírus Y e ao míldio da folha, bastante resistente ao do tubérculo; sensível ao vírus do enrolamento.

**Claustar**

Batata de consumo. Semi-temporã, oblonga, regular, olhos superficiais, pele amarela, polpa amarela pálida. Planta alta, porte erecto, floração bastante abundante. Rendimento muito elevado com tubérculos muito desenvolvidos. Bastante resistente ao míldio do tubérculo, bastante sensível ao da folha, sensível ao vírus do enrolamento, medianamente sensível ao vírus Y.

Variedade rústica de boa conservação e resistente à secura.

**NOVO**

**A MATÉRIA ORGÂNICA  
É A BASE  
DA  
FERTILIDADE**

**ESTREGUANO**

**É UM PRODUTO  
EXCLUSIVO  
DA**

**ESTRELA ADUBO**

Fábrica de Adubos Orgânicos, Lda  
Est. Bão, 572 - M.ª Lúria  
Rua 50388 Adubo, P. - T.ª (032) 81302 - 81283  
Apart. 1048 - 3550 VISEU

**Estima**

Batata de consumo. Semi-temporã, oblonga, muito regular, olhos superficiais, polpa e pele amarelas. Altura média, porte erecto, floração bastante abundante. Rendimento muito elevado com tubérculos bem desenvolvidos. Medianamente sensível à sarna comum e ao míldio da folha, bastante sensível ao do tubérculo, sensível ao vírus Y e ao do enrolamento.

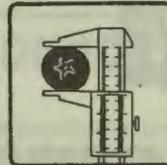
Conservação bastante boa.

Variedade de produção muito elevada com tubérculos homogêneos.

**Kennebec**

Batata de consumo, média semi-tardia. Oval, bastante regular, olhos superficiais, pele amarela pálida, polpa branca.

Bastante alta, porte semi-erguido, floração abundante. Rendimento elevado a muito elevado. Medianamente sensível ao míldio, sensível ao vírus do enrolamento, resistente ao vírus A. Boa para batatas fritas. Variedade de boa conservação.

**CALIBRADORES DE FRUTA****MINI-LINHA  
COMPACTA**

Indicada para  
espaços limitados

Rendimento de  
2.5 - 3 ton/h

CONSULTE A **Sondeca**

**TEMOS A SOLUÇÃO PARA O SEU PROBLEMA**

PARCEIROS — APARTADO 12 — 2401 LEIRIA CODEX • TELFS.: 33 401-34 967 • TELEX 43811 ELIND P • TELEFAX 33693

**Da agricultura todos procuram fugir: os moços vão para a cidade; as raparigas para as fábricas; os proprietários tentam vender os terrenos. No entanto sem agricultura um País não pode sobreviver.**

## DESPORTO

(Continuado da pág. 12)

to é uma modalidade que põe em acção várias dezenas de jovens da nossa terra.

Nessa altura consagrou-se campeão nacional de juniores o Pedro Neto.

O Clube Náutico de Fão é neste momento a menina (ou menino) dos nossos olhos. Ajudemo-lo.

JOÃO PEDRAS

★

Antes do início do último jogo de futebol realizado pelo Clube de Futebol de Fão no presente Campeonato Distrital da 2.ª Divisão da Associação de Futebol de Braga, 1989/1990, foi entregue individualmente a cada um dos atletas propostos para esse jogo, delegado, treinador, massagista e médico do Nosso Glorioso Clube, um medalhão com fita de colocar ao pescoço, gravado, com a seguinte legenda: — C. F. FÃO, 1989/90, OFERTA FANGUEIROS RESIDENTES BRAGA.

Tratou-se de uma recordação, para homenagear o espírito ganhador e baírrista de todos os atletas, dirigentes, massagistas, médico e treinador que em mais um ano de actividade foi contagiante no nosso clube, oferecida por M.ª José d'Argentina, Lili, filha do sr. António Graça, D. Tininha Solinho, Mando Barra Reis, Manuel Saraiva, Victor Fontes — este Fangeirinho, que também já foi um brioso atleta do Clube propõe-se ser sócio —, Neca Solinho, Aleixo Ferreira, Zeca da sr.ª Almerinda Cochinha, Nela das Cochinhas, e naturalmente suas famílias.

—Foram ofertados 23 medalhões.

JOSÉ MORAIS CASANOVA (Colaborador de Braga).

## G.N.R EM FÃO

Na casa do Sinaré, nas Pedreiras alojaram-se quatro praças da G.N.R. que farão uma vigilância a cavalo nos meses de Verão.

Pensamos que esta medida foi consequência de um pedido que o Presidente da Câmara fez ao Ministro da Administração Interna por altura da inauguração do posto da Guarda Nacional Republicana em Esposende.

## C. C. DE FÃO — Concurso de Pesca

Com uma concorrência digna de registo, pois inscreveram-se quase 50 pescadores, realizou-se o 1.º Concurso que muito contribuiu para a aproximação e convívio entre os carolas da pesca.

O peixe não abundou, mas chegou para a atribuição de prémios.

Houve uma classificação até ao 5.º lugar e foram premiados os seguintes concorrentes:

1.º — Carlos Augusto Barra Reis, salva de Prata.

2.º — Manuel Gomes Morais, taça.

3.º — Rui Pereira, taça.

4.º — Domingos Hipólito, taça.

5.º — Sebastião Didier, Taça.

O Prémio de maior exemplar foi distribuído a Carlos Augusto Barra Reis e o Carlos Botelho ganhou o prémio de maior número de peixes. O primeiro recebeu uma taça e o 2.º, uma salva.

Todos os concorrentes receberam uma medalha de participação.

No fim, todos os concorrentes conviveram animadamente, visionando a cassetete vídeo do concurso, ao mesmo tempo que saboreavam uma bela sardinhada, com borra caseira, vinho verde e caldo verde.

Foram horas de franca confraternização e ficou projectado outro concurso para o fim do verão.

Houve uma boa organização e o resultado foi o pedido da repetição, que como dissemos, fica prometido.

Agradecemos a todos os que se esforçaram para levar avante esta iniciativa e também a todos os colaboradores que tornaram possível a sua concretização, pois todos os prémios foram oferecidos.

Mais uma vez, obrigado.

\*\*\*

A Cooperativa tem no seu programa uma série de iniciativas e estamos a fazer todos os esforços para as concretizar:

Entre elas, uma Feira do Livro e outra de Artesanato.

Estamos a trabalhar para que em Agosto e Setembro haja em Fão um despertar para as coisas culturais. Haverá uma exposição de

pintura, da Cooperativa «Árvore», no Salão dos Bombeiros, que esperamos levará os turistas e os fangeiros a visitá-la.

O programa, inclui, vários jogos, um arrial, um passeio no rio, com almoço nas margens, um concurso de quadras populares, tendo como tema a beleza da Vila de Fão, e que será anunciado em lugar de destaque.

Em Setembro, organizaremos uma desfolhada, etc., etc.

Esperamos que todos ajudem a «espevitá-la» esta terra que bem o merece, pela reunião de factores que muito a enriquecem.

Cecília Amorim

## O NOVO FANGUEIRO

Mensário regionalista

DIRECTOR: Armando Saraiva

CHEFE DE REDACÇÃO:  
Maria Emília Corte-Real

COLABORADORES PERMANENTES

Armando Saraiva  
Maria Emília Corte-Real  
Tia Mariquinhas  
Fernando de Almeida  
Cecília de Amorim  
Dinis de Vilarelho  
José Ramos da Silva  
José Ferreira Neves  
A. Ramos Assunção  
Quim de Fão  
Agonia Pereira

PROPRIEDADE:  
Armando dos Santos Saraiva

ADMINISTRADORA:  
Zita Saraiva

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:  
R. de Cima n.º 5 — Fão  
Telefones 961475 - 962150

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:  
BINOGRÁFICA  
Praça João XXIII — Telef. 684318

Assinaturas de «O NOVO FANGUEIRO»:  
Anual..... 750\$00

A cobrança de «O Novo Fangeiro» através dos Correios será por conta do assinante.

## GRALHAS

Deixam-nos desesperado e envergonhado. Vamos tentar corrigir algumas:

No «Perfil» do mês de Maio, onde se lê *agréablement* deveria estar *agrément*.

Na notícia da morte do dr. Santos Júnior devia estar *descrição* em vez de *discreção*.

No jornal de de Junho:: no editorial onde está *nestético* devia ler-se *inestético*.

No comentário à Carta ao Director, onde se lê *cretinos* devia ler-se *críticos*. (Esta foi de cachão à cova).

## ASSESSOR DA CÂMARA

A Câmara de Esposende acaba de fechar contrato com Domingos Ribeiro, de Guimarães, que vai superintender em «questões relativas à higiene, limpeza, jardins e conservação do ambiente». Trata-se dum expert da matéria que deu já boas provas enquanto desempenhou o cargo de edil na Câmara de Guimarães.

Vamos a ver como vai solucionar o problema do rio Cávado e do Pinhal de Ostr.

TRIÂNGULO  
JOTA

UMA COLEÇÃO NOVA  
PARA GENTE NOVA

EDIÇÕES ASA

O OLHAR DO DRAGÃO

SETE DIAS DE SETE NOITES

CORRE, MICHAEL! CORRE!

# DESPORTO

Por **JOÃO PEDRAS**

## FUTEBOL

Últimos resultados: Necessidades, 0 - Fão, 0; Fão, 0 - Apúlia, 0. Apuramento do Campeão entre vencedores de séries: Fão, 1 - Alegricense, 1; Terras do Bouro, 0 - Fão, 0.

Tal como havíamos previsto Fão não perdeu qualquer dos jogos que lhe faltava disputar e assim conquistou o primeiro lugar isolado.

Se o Fão nas Necessidades jogou o suficiente para ganhar, com o Apúlia, em casa, também jogou muito bem de modo a demonstrar o valor que revelou ao longo da época. Não ganhou com o Apúlia porque os avançados desta vez não souberam aproveitar (concretizar) as oportunidades que lhe foram dadas. Em contrapartida, o Apúlia também desperdiçou algumas.

Foi um jogo rijamente disputado por que o Apúlia precisava de ganhar para garantir o 2.º posto e consequentemente subir.

Efectivamente o Gandra, se ganhasse o jogo que teve de realizar fora e o Apúlia não pontuasse em Fão, subiria de divisão em detrimento do Apúlia. Fão estava entre dois vizinhos, mas jogou com toda a dignidade e brio demonstrando à saciedade que não estava ali para fazer jeitos a quem fosse. O Apúlia, empatando, beneficiou do resultado do Gandra que perdeu.

Ficamos satisfeitos com o Apúlia como ficaríamos com o Gandra se ele tivesse subido de Divisão.

Findo o campeonato, prestou-se homenagem à equipa fangueira no decorrer de um



Um jogador do Apúlia puxa os calções a um de Fão. Isso faz-se, sam melandro?...

## ENG. OLIVEIRA MARTINS

A Ordem dos Engenheiros promoveu um jantar de homenagem ao ex-Ministro das Obras Públicas eng. João Maria Oliveira Martins, no Casino da Póvoa, no dia 22 de Junho.

Por sua vez a Câmara Municipal de Esposende atribuiu àquele deputado a medalha de ouro do Município e realizou num restaurante de Esposende um jantar onde estiveram os inúmeros amigos do homenageado.

Como frisou o Governador Civil de Braga as homenagens prestadas quando as pessoas já não estão a exercer funções, são mais autênticas e por isso mais meritórias.

jantar no Hotel Pinhal, oferecido pelo seu proprietário Aníbal Soares que coincidentemente é o Presidente da Direcção. No uso da



A equipa do C. F. de Fão que se sagrou campeã da 2.ª Divisão da A. F. de Braga

palavra anunciou uma notícia bastante desagradável ao revelar que não estava disponível para nova direcção.

A que se deve esta vitória? Aos desígnios da Direcção que formou uma equipa com este objectivo: vencer a série e voltar de novo à Primeira Divisão.

Importa enaltecer o trabalho e todo o apoio que lhe foi dado pelo Presidente da Direcção pondo o Hotel à disposição do clube, com mini-estágios, refeições, etc. Forneceu à equipa um espírito de corpo que foi fundamental a esta vitória. De modo algum queremos esquecer o bom trabalho de outros membros da Direcção. Realizaram um bom trabalho de grupo.

Financieiramente a época foi muito boa, graças ao trabalho, mais uma vez o repetimos, realizado pela Direcção no seu conjunto, As ajudas, quer autárquicas quer de particulares, foram valiosas. A própria entrega da sede por parte da Câmara também veio facilitar as coisas. Sem esse trabalho de grupo (repetimos) nada disto teria acontecido.

Não queremos deixar sem o respectivo relevo o trabalho do técnico que foi deveras meritório. Formou uma equipa na base de jovens atletas que ele já conhecia mas a quem transmitiu personalidade.

Foi portanto uma época muito positiva. Houve apenas um senão e esse prende-se com a necessidade que as camadas jovens tiveram de se alistar na Associação Desportiva de Esposende para poderem jogar, pois não o puderam fazer em Fão. Este estado de coisas faz-nos pensar com carinho nos miúdos da canoagem que continuam a fazer brilharetes e são todos de Fão.

## ÁGUIAS DE SERPA PINTO

Pedimos desculpa aos Águias de Serpa Pinto por não termos publicado o programa comemorativo das Festas do Quinto Aniversário. Houvé desfasamento de datas.

Informamos a propósito que esta simpática agremiação inaugurou uma sede própria no Caldeirão que está aberta para eventuais visitas.

Não deixamos de frisar contudo que os Águias esqueceram-se de convidar «O Novo Fangueiro» para os actos mais significantes do aniversário.

## CANOAGEM

Voltando à canoagem, queremos referir que tivemos o maior prazer em assistir a várias provas em Alhandra a contar para os respectivos campeonatos nacionais. Uma coisa gratificante nos chamou a atenção: é que de tantos anos em que andamos no futebol, nunca assistimos a ambiente de tanta camaradagem e convívio como aquele que se verifica entre canoístas. Isto não quer dizer que não exista camaradagem no futebol mas como aquele que se vive entre a moçada das canoas não há igual. Os do norte convivem com os do sul, e ambos confraternizam com os insulares (neste caso, da Madeira). Tanto antes como depois das provas e conhecidos os resultados.

À parte todo este ambiente de alegria, apercebemo-nos do custo das viagens, dos lanches e das refeições, tudo suportado pelo Clube Náutico de Fão. É uma despesa demasiado elevada e quase insuportável. No entan-

(Continua na pág. 11)

«O NOVO FANGUEIRO»  
FÃO

EDIÇÕES ASA